

UM CAMINHO NAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: NOVAS POSSIBILIDADES PARA O CATOLICISMO BRASILEIRO*



José Reinaldo F. Martins Filho**

Resumo: a fim de integrar este número celebrativo pelos vinte anos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás, este artigo tenta aquilatar os diferentes momentos de nosso próprio percurso na área. Para isso, toma como mote uma questão que interliga os últimos resultados de nossa pesquisa, abrindo-se para os novos rumos de análise que se apresentam e, com eles, as também novas perspectivas para se pensar uma importante categoria do fenômeno religioso entre nós e em nosso tempo: o catolicismo brasileiro. Três grandes ênfases dominarão o texto, feito ao modo de ensaio: as conquistas de nossa pesquisa acerca do catolicismo no Brasil, as lacunas interpostas tangencialmente ao nosso interesse mais específico, sobretudo a partir do advento dos chamados “crentes sem religião”, e, enfim, as novas possibilidades acenadas pelo Sínodo da Amazônia, com alcance determinante para uma conjuntura mais ampla do catolicismo no Brasil e no mundo. Como contribuição, espera-se discutir os resultados mais recentes da nossa pesquisa desenvolvida no âmbito do PPGCR da PUC Goiás, bem como os rumos traçados para os próximos anos.

Palavras-chave: Ciências da Religião. Catolicismo. Brasil. Contemporaneidade.

A fim de compor este espaço celebrativo, tomaremos um caminho heteróclito, deixando parcialmente de lado as formalidades de um *artigo* para dispormo-nos à comodidade do *ensaio*. Como diz o título, trata-se simultaneamente de testemunho e confissão. O meu caminho nas Ciências da Religião (e o uso do plural na expressão “ciências” é aqui proposital) não é longo. Comecei junto a este

* Recebido em: 23.12.2019. Aprovado em: 09.03.2020.

** Doutor em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Doutorando e Mestre em Filosofia pela UFG. Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás. Coordenador do Bacharelado em Filosofia do IFITEG. *E-mail:* jreinaldomartins@gmail.com

Programa de Pós-Graduação como estudante, em 2016. Hoje estou professor e posso dizer que o intervalo corrido dos anos foi apenas cronológico, não temporal. Na perspectiva da temporalidade vivida, mostrou-se tempo suficiente para o compartilhamento de muitas experiências, para o crescimento conjunto e a construção de sólidas parcerias. Cheguei quando o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da PUC Goiás ainda era um jovem debutante, em plenos seus quinze anos – embora naquele tempo, como discente. Passados cinco anos, a ingênua esperança do adolescente tornou-se consciente dos desafios que silenciosamente espreitam, do árduo peso da responsabilidade advinda; chegara à transição da vida adulta: os vinte anos que hoje celebramos. É nesse sentido que, ao adentrarmos o primeiro degrau da terceira década deste milênio, somos compelidos pelo desejo de partilhar nossas conquistas, incompreensões e anseios. Tentarei fazê-lo pela via comum em que aqui nos encontramos: a pesquisa em Ciências da Religião.

O MARCO REFERENCIAL: 20 ANOS DE HISTÓRIA

Ao celebrarmos os vinte anos do PPGCR, estabelecemo-nos no ponto de confluência de dois sentimentos, distintos, embora complementares. Em primeiro lugar, certamente o orgulho e a satisfação por tomarmos parte de uma história que nos precede e que, com muito trabalho e empenho por parte dos docentes e discentes que por aqui passaram, descobriu seu espaço na ágora contemporânea, logrando respeitabilidade pelo resultado das pesquisas realizadas, constituindo novos espaços para o diálogo e a investigação, introduzindo a composição de novos saberes articulados sob o ponto de vista da interdisciplinaridade e da internacionalização e, com isso, cooperando decisivamente no processo de inserção da Universidade que o subsidia. Em segundo lugar, contudo, também é tempo para se repensar caminhos e opções, identificar as tendências e os desafios que se se impuseram e atualmente se impõem. Tendo sido erigido no final da década de 1990, o PPGCR trouxe consigo, num primeiro momento, uma chave de leitura resultante dos processos de consolidação da democracia brasileira, da redemocratização então recentemente estabelecida, da luta por direitos sociais os quais haviam sido suspensos e, enfim, reapareciam como uma possibilidade concreta. Por isso, na gama de suas contribuições naqueles primeiros anos estão trabalhos em que se pode aferir o papel da religião como componente fundamental da tessitura social, especialmente em favor da justiça e da dignidade plena e para todos. Tal incidência também pôde ser notada a respeito da tentativa de compreensão do catolicismo brasileiro, profundamente engajado nos dramas sociais, na consecução de um caminho instaurado desde o Concílio Vaticano II, mas, de modo particular, a partir dos documentos exa-

rados pela Conferência Episcopal Latinoamericana e Caribenha (CELAM), entre os quais Rio (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992), mais recentemente, Aparecida (2007).

A imersão nos anos 2000, por conseguinte, apresentou desafios que também alcançaram o escopo de nossa reflexão enquanto PPGCR. Passada uma década desde a reorientação da democracia brasileira, os anseios no campo religioso se orientavam para outras frentes. A Passagem da década de 1990 para o ano 2000 mostrou-se fecunda para a difusão do pentecostalismo em suas mais diferentes concepções, o que inclui a sua influência sobre o catolicismo brasileiro, especialmente dada a expansão dos meios de comunicação social e, entre esses, o surgimento de emissoras de TV católicas, com programação fortemente marcada pelo modelo pentecostal. De forma particular a primeira década do terceiro milênio mostrou-se muito importante para a consolidação e reorientação do pentecostalismo católico, sobretudo graças à difusão e maior esclarecimento de movimentos como a Renovação Carismática Católica (RCC), a qual, opondo-se à estrutura da Teologia da Libertação e, por sua vez, mais afeita à expressão da religiosidade por meio dos afetos, dos sentimentos e do que há de “irracional” na fé, adquiriu ampla adesão em meio a católicos, passando de uma forma alternativa de se viver o catolicismo, para um de seus traços mais evidentes— e isso não apenas nos grandes centros urbanos, mas com alcance também sobre o imaginário coletivo nos interiores do Brasil. Se, na maior parte da década de 1990 o pentecostalismo católico havia se identificado como um movimento profético, para usarmos a categoria de Weber (1999), disposto, quem sabe, a diluir-se na formulação de novas seitas religiosas a partir do catolicismo, a primeira década de 2000 apresentou um resultado bastante inverso: uma profunda conformação entre os movimentos carismáticos e a hierarquia católica, em grande parte sustentada pela busca de uma santidade que se constrói a partir da prática dos valores cristãos, com ênfase para a dimensão moral (uma espécie de “puritanismo” do século XXI). Trata-se de um período em que surgiram as chamadas “comunidades de vida”, inclusive com a participação de leigos em seus quadros, mas também do reaparecimento das vocações para os ministérios específicos – padres e diáconos – as quais haviam diminuído drasticamente ao longo das décadas imediatamente anteriores.

Ocorre que, como é sabido, o universo das relações sociais, do qual a religião também toma parte, não é estanque, mas fluido, e isso de maneira particular após o pleno desenvolvimento das tecnologias de comunicação. O que antes levaria décadas em processos de recomposição, atualmente se dá num curto espaço temporal: novas formas eclodem e naufragam ante nossos olhos, sem que haja tempo para se tornarem hegemonias. Ainda assim, ditam o rumo da sociedade e imprimem características que precisam ser interpretadas com o mesmo em-

penho. No caso do catolicismo brasileiro ou, mesmo, de outros temas relativos à composição da identidade nacional através da religião, um deslocamento mais visível certamente foi o oportunizado pelos dados obtidos no Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, outra vez na mudança da década. Entre as principais curiosidades interpostas na transição da primeira para a segunda década do terceiro milênio, chamou a atenção dos pesquisadores o surgimento de uma nova categoria conceitual. Ao contrário do que havia sido testemunhado nas últimas edições mais recentes do Censo, pela primeira vez o número de católicos não diminuíra em função do crescimento dos pentecostalismos. Daquela vez, um mesmo fenômeno atingia os cristianismos em suas variadas frentes, o que o ficou conhecido como “crentes sem religião”.

Nesse caso, o que chama a atenção não é propriamente o fato da diminuição no percentual institucional, o que já poderia ser previsto com base no processo de consolidação do ateísmo em outros lugares do mundo. A novidade se dá pontualmente no que respeita à forma de compreensão do fenômeno, que nem se situa no horizonte dos ateísmos e agnosticismos, nem, tampouco, no engajamento comunitário, fundamental à experiência religiosa propagada até então. Na maioria das vezes, trata-se de indivíduos altamente religiosos, para os quais a dimensão religiosa possui considerável incidência sobre a sua vida, mas que não se consideram pertencentes a este ou àquele credo em particular. Em outros trabalhos tivemos a oportunidade de analisar este fenômeno, seja para apontar eventuais justificativas para o seu advento e propagação, seja para questionar o pluralismo subjacente ao seu aparecimento, já que os traços cristãos (para não dizer católicos) ainda estão fortemente inscritos na maneira pela qual esses indivíduos expressam sua religiosidade, mesmo que se proclamem “sem religião”. De todo modo, porém, é preciso considerar que também esta nova conjuntura irrompe-se como um desafio não somente para a leitura do campo religioso brasileiro, mas pontualmente para uma interpretação acerca dos rumos do catolicismo no país.

Tendências de cunho individual, além disso, também estão presentes caso observemos o conflito estabelecido nos últimos anos entre uma concepção teológica voltada para o diálogo com o mundo moderno, para a inserção social e, especialmente em pleno papado de Francisco, para a construção de uma ecologia integral, e o retorno de práticas conservadoras, muitas vezes identificadas com perfis políticos e ideológicos de ultradireita. Acaso este será o cenário que nos aguarda ao ultrapassarmos as divisas da terceira década do milênio? As Ciências da Religião deverão se inclinar à consideração desse novo movimento, na tentativa de traçar uma espécie de prospecção ao que virá? Pelo visto, há uma profunda reorientação de valores e crenças na sociedade contemporânea,

embora a religião ainda continue ocupando um lugar significativo na composição de sentido e pertencimento, na orientação de opções políticas e discursos ideológicos, ou, paradoxalmente, na proposição de alternativas comunitárias e para a vivência de uma espiritualidade comum. Eis, portanto, o lugar em que situamos as análises que seguem, na tentativa de contribuir com a discussão em Ciências da Religião e oferecer uma interpretação sobre o tempo presente. Nosso objeto será o catolicismo brasileiro tal como se apresenta atualmente, com suas tensões e possibilidades, conscientes de que se trata de um tema crucial tanto para a compreensão do papel da religião na sociedade, como para o desenvolvimento de novas chaves interpretativas que não se limitem ao já exposto historicamente.

Para isso, tomaremos três frentes de análise, as quais permeiam nossos interesses mais recentes e se constituem como elos de nossa vinculação à área das Ciências da Religião – e este é o sentido de dizermos “conquistas, lacunas e novas possibilidades”. Primeiramente, revisitaremos os resultados de nossa pesquisa de doutoramento, realizada junto ao PPGCR da PUC Goiás, a fim de discutir suas principais contribuições para a área e, ao mesmo tempo, oferecer um nosso testemunho como parte do corpo discente (e, portanto, antes de assumir a nova posição como docente). Por conseguinte, iremos percorrer uma discussão que também tem nos ocupado, transversalmente aos nossos interesses a respeito do catolicismo brasileiro, qual seja, a questão dos “sem religião” no Brasil e como esse tema compõe um novo horizonte a ser explorado por cientistas da religião e teólogos, inclusive com impactos determinantes sobre a formatação dos catolicismos atuais. Em último lugar, enfim, tocaremos uma das frentes mais atuais do movimento de discussão sobre o catolicismo no Brasil e que, para nós, mostra-se especialmente cara na configuração dos novos cenários, como segue: o conflito de eclesiologias ao redor da questão ecológica, o qual traz, paralelamente a si, o debate sobre a ministerialidade e os processos de expansão do catolicismo na Amazônia. Esta, aliás, será uma primeira oportunidade de nos dirigirmos a esse tema que, com os demais, nos ajudará a compor um panorama geral das nossas pesquisas junto ao PPGCR, numa espécie de celebração pelo já realizado e prenúncio ao nosso trajeto nos próximos anos. Como fonte de análise dos argumentos, tomaremos, sobretudo, o resultado da produção por nós realizada, em parceria com outros docentes do PPGCR.

DAS CONQUISTAS - IDENTIDADES PLURAIS NO CATOLICISMO POPULAR

O que é só pode ser porque se ancora no que já foi. Nesse sentido, ao pensarmos no legado de nosso PPGCR para a pesquisa qualificada no Brasil, particularmente no que compreende a temática do catolicismo, é inegável a sua contribuição a

respeito do “catolicismo popular”. Nesse universo, ao mesmo tempo plural e idiossincrático, muitos foram os trabalhos resultantes do esforço de docentes e discentes ao longo dos últimos anos, focando a dinâmica das temporalidades envolvidas na concepção popular do sagrado, os festejos regionalistas e a variedade cultural brasileira, seus aspectos materiais e imateriais. Aqui vale a pena destacar o valor das duas linhas de pesquisa que mais se destacaram nesse quesito, *Religião e movimentos sociais* e *Cultura e sistemas simbólicos*, bem como ao primoroso trabalho de seus docentes ao longo dos anos. Apesar do esforço empreendido, contudo, algumas lacunas podem ser encontradas, sobretudo quando nos situamos no âmbito da cultura imaterial. É verdade que a religião encontra-se no limiar entre material e imaterial, como também é verdade que as expressões imateriais da cultura em muitos casos apenas podem ser acessadas com a intervenção de instrumentos materiais, isto é, símbolos e simbologias que constantemente se esforçam como tentativas de acesso ao intangível. Fala-se em costumes e tradições, em ritos e narrativas, mas, na maioria dos casos, na formatação material de experiências imateriais: a imagem, a comida, a bebida, entre outros. Quando passamos em revista o acervo de teses e dissertações produzidas em nosso PPGCR ao longo de suas duas décadas, logo aferimos que suas principais ênfases debruçaram-se sobre aspectos da identidade constituída pela história, pelos papéis sociais e impacto comunitário, por discussões relacionadas a questões de gênero e/ou aspectos étnico-raciais. No tocante à imaterialidade, contudo, pouco se explorou a respeito da mais imaterial das produções humanas, como segue: a música. Por um lado, talvez isso se deva à falta de instrumentos habilitados para tal empreendimento, particularmente caso pensemos a formatação do corpo docente do curso, sem a presença de alguém que pudesse se dedicar especificamente ao tema. Por outro, ao longo do período, raras foram as propostas discentes que tocaram (ainda que indiretamente) este aspecto – e ainda mais raras as que procuraram abordar a música na sua relação com a composição das identidades. Esse foi o cenário em que nos encontramos num primeiro momento, unidos à disponibilidade do professor Clóvis Ecco, que não se impressionou ante o desafio de tomar a música como chave de leitura para a compreensão do catolicismo popular em Goiás.

Para estabelecermos nosso contato com o catolicismo popular goiano através da música como um de seus principais – e, nalguns casos, o principal – aspectos de constituição identitária, elegemos as Folias de Reis (que já haviam sido objeto de nosso interesse noutros trabalhos) e a Romaria ao Divino Pai Eterno. Num primeiro momento, também a Festa do Divino entraria em nossas considerações, compondo o caráter trinitário da análise (e a referência teológica seria proposital), o que foi descartado posteriormente, dada a abrangência da incur-

são. Assim, a respeito das Folias, circunscrevemos nosso interesse em cerca de vinte e quatro grupos, espalhados por todo o Estado de Goiás. Além disso, dividimos a análise em três frentes: a) a Folia num contexto rural, b) a Folia em cidades do interior do Estado e c) a Folia na metrópole, Goiânia. Este critério nos possibilitou reconhecer as diferentes nuances perceptíveis em cada modalidade de expressão da festa religiosa, abrindo novas perspectivas de análise, tais como os processos de hibridação inerentes à conservação da tradição em tempos de midiatização. De maneira geral, contudo, construímos a convicção de que em se tratando da Folia de Reis, a música é o principal elemento de constituição da identidade, como forma de manifestação dos conteúdos cridos, amálgama na composição das identidades sociais, condução responsiva da fé entre os devotos e o objeto de sua crença, de uns para com os outros e com a sociedade de maneira geral.

O mesmo, contudo, não pôde ser sustentado na Romaria ao Pai Eterno, para a qual a música ocupa uma função distinta. Nesse caso, tomou-se a Romaria desenvolvida no município de Trindade, como forma de cotejar um novo expoente do catolicismo popular goiano, em vista de uma maior expressão dos resultados obtidos. A Romaria, também contribuiu como uma espécie de contraponto ao estilo das Folias, uma manifestação mais ligada a outras modalidades, como os Reisados e Congadas. Em seu duplo aspecto, a Romaria tem a característica simultânea de Festa de Padroeiro, na medida em que o Divino Pai Eterno é o padroeiro de Trindade, e de romaria, com peregrinação regional/nacional, sendo atualmente a mais evidente demonstração religiosa da cultura goiana para o restante do país. Em se tratando da Romaria ao Pai Eterno, a música mostrou-se elemento fundamental na composição da identidade, mas não como o seu principal aspecto. Esteve presente como elo de continuidade entre os diferentes momentos da devoção, desde o primado laical de seus primeiros anos, passando pela gestão eclesiástica representada pela vinda dos missionários Redentoristas, que ainda permanecem como os gestores da festa, até a sua terceira explicitação, pelas vias dos instrumentos de comunicação social. Isso pode ser visto nas conclusões exaradas a partir da pesquisa, das quais podemos colher alguns pontos, realçando em que podem contribuir para a composição de um horizonte mais amplo a respeito do catolicismo brasileiro.

Antes de tudo, o catolicismo popular deve ser considerado como uma significativa reserva de sentido e conteúdo interpretativo para iluminar a compreensão das sociedades e do ser humano em geral. Aqui pensamos o seu alto potencial expressivo em linguagens múltiplas, todas elas como forma de composição das identidades. Para nós, ainda que as Ciências da Religião tenham se dedicado desde o seu surgimento a esse tema, resta um ultrapassamento de conteúdo que ainda deve ser conhecido e aprofundado, algo do que acima identificamos

acerca da cultura imaterial. Para tanto, é preciso ir além do invólucro exterior e penetrar a origem dos sentidos e significados, a qual não se pode acessar senão como uma forma de navegar na contracorrente dos fenômenos tal como eles se apresentam. Geertz (2008) falou em “análise densa da realidade”, referindo-se ao método de não simplesmente descrever, mas *entrar* no objeto estudado, respeitando os limites de sua apresentação. Ao tentarmos fazer isso com relação ao catolicismo popular, desvelou-se a nós sua alta gama de simbolização, como forma de expressar a necessidade de autotranscendência inerente a todo ser humano. Em termos de formação das identidades, portanto, a primeira grande contribuição das culturas populares à pesquisa é, certamente, a sua capacidade de expor-se em simbolismos e variedades linguísticas específicas, inclusive através da música, quando a palavra racionalizada não se mostra mais capaz de atingir o ideal posto. Fala, canto, dança, gestos, ritos e demais simbolismos materializam o imaterial, expondo-o ao alcance de nossa leitura. Este é o lugar em que descobrimos os três elementos básicos da experiência religiosa e da adesão dos indivíduos à religião, tal como apontados por Geertz (2001): o poder, o sentido e o pertencimento. Assim, embora falemos em identidade, não seguimos a mesma lógica estanque que por séculos dominou a compreensão desse conceito. Preferimos uma concepção expandida, que extrapola os limites da própria linguagem conceitual e acende ao nível de uma noção teatral. O que se descobre no âmbito dos catolicismos populares é a versatilidade do ser humano na tentativa de expressar-se a si mesmo, aos demais que integram o seu círculo de convivência e ao grande Outro para quem muitas vezes dirige o sentido de sua existência. A religião está situada neste movimento, na medida em que dá ao homem os instrumentos para sua *encenação*. Aqui notadamente não tomamos este termo de maneira pejorativa ou demeritória, como se a religião dissesse respeito a uma forma inferior de expressão. Ao contrário, colhemos o sentido positivo de *encenação*, como quando da afirmação de Nestor Canclini (2011). A religião dá os termos da *encenação*, fornecendo ao indivíduo o enredo apropriado (mitos de fundação), o arsenal instrumental para sua *performance* (simbologia) e o *instante* fundamental para sua exposição aos outros (contexto ritual). Reforça, desse modo, não apenas os vínculos sociais, mas o contato do sujeito consigo mesmo.

Dito isso, ao falarmos de pertencimento, também estamos nos referindo à estrutura social e, por isso, ao mundo-meio-ambiente exterior ao indivíduo. Em nosso contato com as manifestações populares do catolicismo, privilegiadamente por intermédio da música como elemento de análise, notamos um fator altamente funcional que também tem a religião como epicentro. As festas populares são oportunidades ímpares para o exercício do protagonismo individual, mas também para a inserção de protagonismos sociais os quais são determinantes para a consti-

tuição de uma identidade grupal, para a duração de uma experiência no tempo, como ocorre nos expoentes estudados. Tais festejos oportunizam aos que deles tomam parte a capacidade de romper com o ciclo anódino da vida, interposto pela ressignificação festiva. Este fator tem como consequências diretas a busca por pertencimento e a constante reorganização social, os quais incidem sobre duas dimensões mais evidentes: a família e a sociedade em geral. A respeito do primeiro caso, a família, devemos dizer que em se tratando das festas populares, não consideramos apenas a sua incidência sobre a realidade social e individual estritamente. O fator familiar permanece sendo um dos principais focos de manutenção das tradições populares, gestadas e propagadas no seio de famílias, de pais para filhos num fluxo contínuo. A participação nos empreendimentos festivos, então, além de reforçar a identidade individual – conferindo poder, sentido e protagonismo – também contribui para estreitar os vínculos familiares; como se pudéssemos pensar a participação ritual como condição de pertencimento a um todo maior: a família. De outro lado, o protagonismo individual também influi sobre a organização social. As tradições populares tornam-se simultaneamente questionadoras e mantenedoras da estrutura social em que se inserem. Entre os elementos mais evidentes dessa condição, os exemplos evocados por nosso estudo dão margem para a interpretação do patriarcalismo, vigente tanto em meio às folias, quanto na Romaria ao Divino Pai Eterno. Note-se que mesmo a imagem da Coroação da Virgem Maria fora convertida numa devoção masculina, reflexo direto da sociedade que a concebeu. Na Folia, de outra parte, a presença de mulheres, mesmo que admitida nos últimos anos, mantém-se em geral restrita às funções de apoio ou, quiçá, paralelas à atividade da festa; jamais de liderança direta, especialmente no âmbito das ações rituais – nossa pesquisa não conheceu, por exemplo, uma Folia que tivesse uma mulher como “guia”. Fatores como esses, de manutenção e questionamento da ordem social, estão, portanto, diretamente relacionados ao impacto das tradições populares sobre as identidades, abrindo um horizonte de análises e investigações altamente relevante para as Ciências da Religião.

Por fim, no que se refere às conquistas adquiridas em nosso percurso discente, não podemos prescindir do impacto social de pesquisas dessa natureza, especialmente numa época em que também as ciências humanas e sociais tiveram que inclinar-se aos mesmos critérios quantificadores que regulam o universo da técnica – e isso num país que historicamente ignora o potencial transformador da pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento. Ao mesmo tempo em que se concentra como um “produto” relativo às culturas imateriais, pensar as identidades religiosas populares contribui decisivamente na *conservação e propagação* de saberes essenciais à nossa compreensão como “povo”, à nossa identidade de brasileiros.

Nesse sentido, ao falarmos em conservação da cultura, dirigimo-nos à capacidade inerente aos catolicismos populares de constantemente ressignificarem a vida por meio de suas iniciativas materiais e imateriais. Por isso, não pensamos em manutenção no sentido de homogeneização e fixidez, mas relativamente aos mecanismos de espontaneidade que permitem que ritos e ritualidades, embora transformados em função dos novos tempos e lugares, continuem vivos. Enquanto for encenada, a cultura permanecerá viva. Isso significa remeter ao sentido de conservação cultural presente nas identidades religiosas. Além disso, em se tratando da compreensão do catolicismo brasileiro de forma mais ampla, subsiste nas culturas populares o seu potencial de resistência. Aqui não tomamos o termo numa acepção de *confronto*, de *embate* de forças antagônicas, mas daquilo que insistentemente dura, transformando-se na medida de suas necessidades. Há uma plasticidade inerente ao catolicismo popular que nos faz aproximá-lo das primeiras experiências comunitárias que posteriormente deram origem a práticas institucionais. A maleabilidade de suas formas, porém, não implica em aleatoriedade de conteúdos e crenças à controvérsia de dogmas e fundamentos de fé. Ao contrário, apenas num horizonte de liberdade a fé pode expressar-se plenamente, fazendo eco a uma raiz comum, como desdobramento de uma experiência comunitária autêntica.

A isso se relaciona o que para nós é a grande marca característica do catolicismo popular, isto é, o seu primado laical. Trata-se de uma experiência de fé radicada no pertencimento comunitário e, por isso, no exercício do *mínus batismal*, cuja dignidade não está atrelada a critérios hierárquicos. Tão logo surgem no âmbito da comunidade, os carismas são postos a serviço e todos, contribuindo no desenvolvimento da fé experimentada em conjunto. Isso posto, reside nos catolicismos populares uma importante força de resistência contra a onda avassaladora do individualismo que impera nas formas institucionais/comunitárias de expressão da fé. Na medida em que soube driblar o nivelamento cultural, a imposição autoritária e as hegemonias, guarda consigo saberes que podem e devem ser acessados como chave de leitura para a sociedade contemporânea, e especialmente para o catolicismo. Se, portanto, esta primeira incursão nos possibilitou colher um pouco do conquistado em nossa breve trajetórias Ciências da Religião, paralelamente ao nosso interesse pelos catolicismos contemporâneos restam-nos algumas lacunas que ainda precisarão ser dirimidas.

DAS LACUNAS: A AMBIGUIDADE DOS “SEM RELIGIÃO” E O CATOLICISMO BRASILEIRO

Saltando do catolicismo popular para uma consideração mais ampla do panorama religioso brasileiro, encontramos a segunda ênfase de nosso itinerário neste

ensaio. Isso porque entre os temas que podem ser considerados como uma tendência na pesquisa em Ciências da Religião no Brasil, atualmente podemos citar a questão dos “sem religião”. Contemplado desde o Censo de 2010, trata-se de um tema que, na transição de nossa experiência junto ao PPGCR da PUC Goiás, permanece a nos ocupar como foco de grande interesse: de um lado, a necessidade premente de compreensão de um fenômeno que se expõe e tem crescido exponencialmente, de forma particular entre os jovens, na maneira de expressarem suas crenças e, de outro, o questionamento sobre a legitimidade do pluralismo instaurado, tendendo a interpretar que, por debaixo da aparente vertigem anticomunitária, persistem simbolismos e conteúdos de base marcadamente cristã (para não dizermos católica). Tal ambiguidade nos desafia, sobretudo quando nos dispomos à compreensão do catolicismo contemporâneo e como este tem se comportado em face dos desafios surgidos na última década. Se pensar os “sem religião” hoje nos parece relevante para a pesquisa que trilhamos, é preciso reconhecer o contexto a partir do qual o tema saltou ao nosso interesse, o que novamente nos liga ao horizonte das pesquisas realizadas no âmbito de nosso PPGCR.

Em 2016, ao contribuir com a análise dos resultados da pesquisa coordenada pelo professor Clóvis Ecco acerca dos “Ateísmos contemporâneos”, chamou-nos a atenção a nova categoria timidamente situada à margem do objetivo central da investigação – que naquela altura pretendia compreender o fenômeno do ateísmo entre os jovens universitários entrevistados. Dentre outros aspectos, ganhava relevo o relato dos respondentes sobre sua adesão religiosa, ponto no qual observamos uma forte reorientação na passagem das práticas religiosas dos genitores para sua prole. Acerca da religião dos pais e mães, colhemos o resultado médio de 6 denominações religiosas, entre as quais figuravam desde o catolicismo, o espiritismo, o pentecostalismo, até o ateísmo, com apenas uma adesão. Quando, contudo, contrastamos esse resultado com a resposta oferecida pelos próprios estudantes entrevistados, para a mesma questão deparamo-nos com um número significativamente maior, numa média de 14 denominações – incluindo a presença de autodeclarados ateus e agnósticos em ambos os sexos. A primeira impressão foi de que algo ocorreu na transição da geração x para a geração y, de modo a ter possibilitado um maior pluralismo com relação às adesões religiosas. Ocorre que, para nossa surpresa, não foi o percentual de ateus que se destacou em ampla expansão, mas o dos chamados “sem religião”.

Para aprimorarmos a nossa compreensão sobre esse fenômeno, é necessário voltarmos ao Censo realizado pelo IBGE em 2010, cujos resultados foram bastante significativos para a leitura do perfil religioso do brasileiro na segunda década do terceiro milênio. Não se pode confundi-los – os “sem religião” – com os

autodeclarados ateus ou agnósticos, categorias para as quais o Manual do Recenseador possuía uma opção específica. Com base no objetivo apontado para o item 6.12 do questionário, procurava-se “conhecer quais as religiões declaradas pela população e o número de seus adeptos” (IBGE, 2010), sem que houvesse quaisquer influências por parte dos perguntantes sobre a resposta emanada. Em caso de dificuldade na resposta, porém, solicitara-se ao recenseador que marcasse a opção “sem religião”, que serviria como uma espécie de generalização sem computação na apresentação dos resultados. Ocorre que isso não se deu e, na análise dos dados obtidos pelas entrevistas, o percentual dos autointitulados “sem religião” mostrou-se, pela primeira vez em comparação com as décadas anteriores, bastante significativo.

O problema é que, tomando unicamente os dados oferecidos pelo Censo de 2010, não possuímos maiores parâmetros de análise sobre o fenômeno, movendo-nos ao redor das seguintes possibilidades interpretativas: a) é possível que pela chave “sem religião” estivéssemos tratando indivíduos alheios e/ou indiferentes à dimensão religiosa em suas vidas, já que não quiseram se inserir nalguma das outras opções disponíveis, como é o caso dos ateus ou agnósticos, nem, tampouco, sugerirem sua identificação às formas tradicionais de expressão da religião no Brasil – aqui, quem sabe, estariam situados os que depositam e expressam o seu potencial simbólico de outras maneiras que não estritamente por meio de uma configuração religiosa; b) poderíamos, além disso, estar nos referindo aos indivíduos que, por algum motivo contingencial, não souberam se decidir no momento da entrevista por uma ou outra opção oferecida, deixando imprecisa a sua subscrição a determinado grupo religioso, denominação e/ou instituição – nesse rol ainda poderíamos incluir os processos de mobilidade e bricolagem, as transições entre igrejas e, até mesmo, os “desigrejados”, que, na ausência de uma filiação duradoura, equivocadamente aceitaram sua inserção entre os “sem religião”, embora isso não indicasse “descrença” ou indiferença com relação à religião; c) poderiam, enfim, encontrarem-se indivíduos altamente religiosos, para os quais a religião ainda incidisse sobre os principais aspectos de suas vidas, seja como configuração de sentido, pertencimento e/ou como forma de aprimoramento pessoal, altruísmo – esses não seriam apenas “sem religião”, mas “crentes sem religião”. Na tentativa, entretanto, de mensurar qual possibilidade interpretativa melhor poderia sustentar nossa análise, os dados do Censo simplesmente tomados mostraram-se insuficientes, já que abriam a discussão a frentes muito divergentes entre si, o que nos faria sucumbir ao aspecto meramente quantitativo dos resultados, sem a segurança de algo que validasse nossa argumentação.

Foi nesse momento que alguma complementação se mostrou salutar, especialmente em vista de esclarecer os dados colhidos pela pesquisa quantitativa, cotejando-os

com a “verdade” professada pelos próprios entrevistados a partir de questões abertas, que tocassem o âmbito de suas crenças. Assim, apesar de a pesquisa conduzida sobre os ateísmos contemporâneos ter expressado sintonia com os dados colhidos pelo Censo de 2010, buscamos junto a outra fonte a validação de nossa hipótese, com base na análise dos relatos. Nesse caso, beneficiamo-nos do trabalho dirigido pela professora Carolina Teles Lemos (2018), também docente de nosso PPGCR, realizada junto a um alto percentual de amostragem dos jovens universitários da PUC Goiás, a respeito de suas crenças e adesão religiosa. Uma incursão mais detalhada sobre os resultados adquiridos resultou, inclusive, na publicação de um livro em 2018, o qual traz detalhadamente todas as frentes envolvidas no projeto, desde as projeções sobre a imagem de Deus, até a relação parental e o papel da religião nas constituições familiares, passando também por dados estatísticos a respeito da vinculação institucional dos consultados. Em termos percentuais, os dados não variaram significativamente do que pudemos observar a partir das outras duas pesquisas levadas em conta. Ocorre que, quando tivemos a oportunidade de analisar a resposta dos estudantes para questões relativas à prática de sua religiosidade, ao seu relacionamento com o transcendente e com o sagrado, fomos surpreendidos pela seguinte constatação: a maior parte dos que se autodeclararam “sem religião”, mostravam-se, ao contrário, profundamente religiosos em suas práticas, com traços rituais marcadamente cristãos, embora preferissem não se inserir em nenhum credo específico. Este dado fortaleceu uma impressão que trazíamos desde o primeiro contato com os resultados do Censo de 2010, como segue: por detrás da constatação dos “sem religião” subjaz uma categoria que precisa ser melhor explorada, já que não se trata simplesmente de descrentes, mas “crentes sem religião”.

Talvez estejamos diante de um novo fenômeno na configuração do cenário religioso brasileiro – o que justificaria tanto interesse por parte de pesquisadores. Diante dos elementos que obtivemos, num primeiro momento tentamos aproximar a realidade brasileira ao que já havia sido descrito por Marià Corbí (2007) décadas atrás na Europa, de modo que o fenômeno apenas teria retardado o seu desenvolvimento em territórios pós-atlânticos. Entretanto, em diálogo com o pensador catalão, chegamos à conclusão de que não se trata de simplesmente transpor categorias de análise de uma situação à outra (da realidade europeia à brasileira), mas de tentar compreender a novidade que se estende exponencialmente entre os brasileiros do terceiro milênio, isto é, a formatação de uma nova conjuntura religiosa em termos institucionais, para a qual a saída possivelmente não será o ateísmo, mas, quem sabe, uma espiritualidade individualizada, sem envolvimento social e comunitário, com ênfases que variam do culto à pessoa, à família, ao corpo, ao capital etc.

De volta à nossa incursão sobre o catolicismo contemporâneo, portanto, faz-se necessário compreender de que forma esta nova realidade implicará em reações por parte das instituições ou se, por outro lado, deverá ser entendida como o ponto de partida para uma completa reorientação das práticas institucionais, as quais não poderão ignorar o contexto que as circunda. Este talvez seja o ponto em que nos encontramos neste momento, em busca de alternativas de interpretação que deem conta da realidade atual, conciliando o que já tem sido produzido sobre o assunto pela academia brasileira, ao mesmo tempo, dispondo-nos a suscitar aspectos que ainda se mantenham ignorados pela pesquisa em Ciências da Religião. Trata-se de um esforço que certamente não poderá ser realizado sem inserção numa rede de colaborações que envolva docentes e discentes do nosso PPGCR, bem como parcerias com pesquisadores de outras instituições do Brasil e do exterior. Desse modo, caso tenhamos a intenção de construir uma compreensão profunda e substancial sobre o panorama religioso do Brasil, ainda que enfatizando nosso ponto de interesse particular – nesse caso, o catolicismo brasileiro – não poderemos nos furtar ao diálogo, à contraposição dos argumentos, à aproximação de diferentes cenários, enxergando nesse processo o aprimoramento necessário à construção de um argumento sólido.

Esse é, portanto, o motivo que nos impulsiona a considerar desde o catolicismo popular até as principais recomposições operadas na identidade religiosa brasileira como um todo, como é o caso dos “crentes sem religião”, não como temas desassociados e estanques, mas como uma realidade interpenetrada. Geertz (2008, p. 4) tem o mérito de ter defendido uma análise semiótica da cultura, concordando com Weber que o homem está “amarrado a teias de significado que ele próprio tece”, as quais se tornam o objeto privilegiado de análise da antropologia. Em nossa época, porém, é preciso completar a sentença a partir do pressuposto de que tais tecelagens não se dão isoladamente. Estamos presos a teias de sentido às quais nós próprios tecemos e entretecemos unidos aos demais que conosco compõem a sociedade dos humanos. A título de prospecção, para nós a grande *virada*em nossa pesquisa de agora em diante será o cruzamento dos saberes, como forma de entrelaçar as diferentes ênfases pelas quais pudemos ler o fenômeno religioso – sempre contando com a colaboração dos pares. Eis o motivo de que cada vez mais se insista na criação de cadeias de pesquisadores organizados a partir de temas correlatos, o que no nosso caso, como PPGCR, poderá ser feito resgatando a unidade interna a cada Linha de Pesquisa. De algum modo, este é o intuito que nos motiva a enxergar “novas possibilidades” e, sobretudo, um ponto de contato entre o que desenvolvemos acima a respeito do catolicismo brasileiro e as novas tendências que se esboçam. Este parece ser, por exemplo, o caso do que atualmente tem cha-

mado a atenção nas pesquisas sobre o catolicismo no Brasil. Paralelamente ao surgimento de novos conservadorismos no âmbito da política e dos costumes, também na religião testemunhamos o confronto entre vertentes mais progressistas e abertas ao diálogo com a sociedade moderna e, em contrapartida, os que se inclinam a uma visão mais tradicional, inclusive com reação pública contra autoridades eclesiásticas e organismos que representam a hierarquia. Tal movimento ganhou mais notoriedade nos últimos meses com a preparação e realização do Sínodo para a Amazônia, convocado pelo papa Francisco em 2017 e acontecido no mês de outubro de 2019. Como prometido no início desse ensaio, tomaremos aspectos dessa nova conjuntura na tentativa de aferir eventuais possibilidades de análise sobre o catolicismo brasileiro, como uma espécie de intuição sobre os caminhos que se abrem para a investigação em Ciências da Religião e Teologia.

PARA CONCLUIR: NOVOS CAMINHOS PARA A INVESTIGAÇÃO

A esta altura, é preciso recordar o aspecto polêmico do debate sobre o catolicismo brasileiro em nossos dias (sobretudo por conta do Sínodo da Amazônia), embora aqui não tenhamos em vista discuti-lo no mesmo nível do que tem sido divulgado pelas mídias de comunicação. Desde que foi convocado pelo papa Francisco, em 15 de outubro de 2017, o Sínodo tem sido alvo de ataques da parte conservadora da Igreja Católica, sobretudo em nome de um pretenso resguardo da tradição apostólica, que estaria em risco ante a possibilidade de hibridação com ideologias de esquerda e espiritualidades indígenas pagãs. Deixando de lado, portanto, uma leitura que se dê pelo argumento teológico disponível à discussão (e são muitos os pontos possíveis), procuramos ler o Sínodo como um fenômeno de duas vias: a) como a reorientação de uma postura eclesial que ao longo das últimas décadas ignorou a peculiaridade das culturas amazônicas, submetendo-as a um padrão ao qual não podem se identificar completamente – e isso teria ensejado o surgimento de vias religiosas alternativas, como a alta propagação do pentecostalismo, o aumento da secularização, o enfraquecimento de ideais morais e de valores sociais etc; ou b) como expressão de uma nova composição eclesial para a Igreja Católica com um todo, movida pela inclinação sinodal do pontificado de Francisco, para o qual não pode haver espiritualidade que não se enraíze nas culturas, que não se desdobre na promoção de um mundo digno para todos, que não se construa na comunhão com os demais, na consolidação da paz entre as nações. Nesse sentido, apesar de o discurso oficial insistir numa leitura de continuidade entre os pontificados precedentes e a concepção de igreja propagada por Francisco, devemos admitir que em termos da recepção por parte da sociedade mundial, a

incidência do discurso católico atualmente ganhou um status que não possuía desde os anos imediatamente posteriores ao Concílio Vaticano II. Há, além disso, o fato de que temas sensíveis – tais como a ordenação de homens casados e a constituição de ministérios institucionais para as mulheres – foram tratados pelo Sínodo, o que certamente repercutirá na consolidação de um campo de análise absolutamente novo para os que se dedicam ao catolicismo brasileiro.

A respeito desses indicativos, uma primeira grande sinalização de Francisco não apenas para o mundo católico, mas para a sociedade como um todo, deu-se com a publicação de sua primeira encíclica de cunho social em 2015, intitulada *Laudato Si'* – em referência às palavras introdutórias do cântico composto por São Francisco, o *poverello d'Assisi*, de quem o atual pontífice retirou inspiração para o seu próprio nome. Há tempos um escrito papal não despertava tanto interesse extramuros eclesiais, influenciando na análise e decisão de nações e na produção científica internacional. Já naquele primeiro momento Francisco chamava a atenção para a necessidade de se conceber uma ecologia integral, que significa pensar a dignidade humana não em termos hierárquicos com relação ao planeta, mas de copertencimento: tendo a criação como obra divina, e não apenas o homem. Trata-se de encarar a ecologia como tema para a teologia, o que, aliás, já tem sido explorado por cientistas da religião – inclusive por pesquisas no âmbito do nosso próprio PPGCR – há alguns anos. Referindo-se à Terra, as palavras inaugurais da Encíclica, em seu n. 2, advertem: “Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la”. Palavras realmente fortes, caso recordemos que nos últimos anos o engajamento social das religiões no Brasil retraiu em comparação com as duas últimas décadas do século passado. Contra o individualismo e a secularização, a Igreja Católica – ou, ao menos, a sua instância diretiva – começa a dar sinais de uma preocupação que alcança a ecologia, dispondo-se, inclusive, a inserir-se junto a outras instituições, religiosas ou não, a fim de promover uma cultura ecológica integral. Tal impulso, como dissemos, tem sua forma mais acabada na realização do Sínodo para a Amazônia, que reuniu povos dos nove países que compreendem a região amazônica (da qual o Brasil é parte majoritária), entre clérigos, religiosos, religiosas, leigos e leigas – inclusive com representações dos povos indígenas autóctones.

Logo na primeira parte do *Instrumentum Laboris*, preparado para subsidiar as discussões do Sínodo, lemos que seu objetivo se divide em duas perspectivas: por um lado, a questão eclesial propriamente dita, concentrada na necessidade de evangelização da Amazônia de uma forma mais eficaz e inserida e, de outro,

a necessidade de opor-se ao que chamou de “lógica colonizadora”, uma inserção mais social e política da Igreja Católica na Amazônia. Em uma época em que religião e política se aproximam por um viés altamente questionável, que bancadas parlamentares se organizam a partir de confessionalidades comuns (a perspectiva dos partidos diluída em função de novas conjunturas, a “bancada ruralista”, a “bancada da bala” e, no caso a que nos referimos, a “bancada evangélica”), que campanhas políticas são conduzidas por motivos claramente religiosos, também o catolicismo brasileiro, que há algumas décadas parece ter optado por um maior distanciamento do que já possuiu de inserção política, precisou reaver seu potencial social. Além disso, o crescimento dos pentecostalismos missionários no Brasil fez com que o processo de evangelização católico, embora mais antigo em território amazônico, se mostrasse inócuo e sem maiores consequências de um ponto de vista da adesão e manutenção de fiéis. É difícil dispor-se de clérigos em número suficiente para o acompanhamento de aldeias indígenas convertidas, de comunidades ribeirinhas situadas a quilômetros de distância da sede dos municípios, muitas vezes em localidades de difícil acesso. Ao contrário, o pentecostalismo soube capilarizar-se, alcançando recônditos antes inimagináveis para a evangelização tradicional – sobretudo pela maior facilidade na constituição de ministros institucionais. Desse modo, é impossível não pensarmos o propósito de reorientação política e pastoral derivado do Sínodo da Amazônia, bem como prevermos que suas consequências serão determinantes para a leitura do catolicismo brasileiro nos próximos anos – e do que isso significará para a leitura do catolicismo como um todo.

É este o ponto em que se encontram as três frentes de investigação suscitadas neste ensaio, coincidentes com o nosso caminho nas Ciências da Religião e, paralelamente, com uma leitura sobre o catolicismo brasileiro. Tendo em primeiro lugar considerado o catolicismo popular como o vasto horizonte de ressignificações, ao ponto de que sua análise deva fazer-se na perspectiva do pluralismo de identidades, vemos através do Sínodo da Amazônia o movimento inverso. Dessa vez não é a religiosidade popular que se inspira em aspectos institucionais na tentativa de manter-se como fonte de sentido para comunidades desassistidas pelo que aqui poderíamos pensar provisoriamente como o “catolicismo oficial”, mas a Igreja hierárquica que se dispõe a ouvir as comunidades tradicionais, a enxergar a existência de múltiplas formas de manifestação de um perfil de identidade comum e, a partir dessa *flexão* determinar os seus próprios rumos. Assim, as eventuais tendências e/ou novas possibilidades do catolicismo brasileiro ligam-se à leitura por nós implementada a respeito do catolicismo popular, tornando irrecusável uma apreciação pelas vias das composições culturais, das características regionais e dos padrões étnicos. A “catolicidade” deve, en-

tão, ser lida como o compartilhamento de uma crença fundamental,mas que pode expressar-se de maneiras absolutamente distintas nos diferentes cenários e contextos humanos. De outra parte, também a lacuna aludida anteriormente, a respeito da ambiguidade dos “crentes sem religião”, parece refletir-se em nossa prospecção, vez que a reorientação que possivelmente se dará em termos mais gerais no catolicismo brasileiro – com influência do movimento iniciado na Amazônia – poderá ser considerada como uma reação a um impulso que, se não é o mesmo é ao menos próximo do que motivou o aparecimento dos “crentes sem religião”, resultantes da crise de plausibilidade das instituições, do enfraquecimento da dinâmica comunitária em favor das individualidades, da ausência de um desdobramento social para as práticas rituais. É este o ponto em que se encontram as três frentes a partir das quais pudemos ler o nosso caminhar nas Ciências da religião, simultaneamente como conquistas, lacunas e novas possibilidades de análise.

MY WAY IN RELIGION SCIENCE: NEW POSSIBILITIES FOR BRAZILIAN CATHOLICISM

Abstract: In order to integrate this commemorative issue for the twenty years of the PUC Goiás Postgraduate Program in Religious Sciences, this article attempts to assess the different moments of our own journey in the area. To this end, it takes as its theme an issue that links the latest results of our research, opening up to the new directions of analysis that are presented and, with them, also new perspectives to think an important category of religious phenomenon between us and in our time: Brazilian Catholicism. Three major emphases will dominate the essay-style text: the achievements of our research on Catholicism in Brazil, the gaps interposed tangentially to our more specific interest, especially from the advent of so-called “believers without religion”, and ultimately, the new possibilities beckoned by the Amazon Synod, with decisive scope for a wider conjuncture of Catholicism in Brazil and in the world. As a contribution, it is expected to discuss the latest results of our research developed under the PUC Goiás PPGCR, as well as the directions drawn for the coming years.

Keywords: *Sciences of Religion. Catholicism. Brazil. Contemporaneity.*

Notas

- 1 Aqui não abrimos a discussão para a questão da *ministerialidade*. Apenas acenamos para o fato de que as diferentes concepções eclesiológicas em jogo seja na Teologia da Libertação, seja no movimento carismático, têm como consequência igualmente distintas significações

sobre o conceito de *ministério* – aquela numa tendência da “deshierarquização”, essa num retorno à “hierarquia”. Esse tema, contudo, merece tratamento mais aprofundado, o que poderemos fazer em outro momento.

- 2 Referimo-nos sobretudo a Martins Filho (2019). No entanto, tal discussão também é visível em trabalhos anteriores (MARTINS FILHO; ECCO, 2018).
- 3 E aqui gostaríamos de estender uma menção objetiva ao esforço daqueles que no quadro docente do PPGCR mais objetivamente lidam/ou lidaram com o catolicismo popular, entre os quais as valiosas pesquisas de Carolina Teles Lemos, Alberto da Silva Moreira, Eduardo Gusmão de Quadros e Irene Dias de Oliveira.
- 4 O resultado do processo foi nossa tese doutoral (MARTINS FILHO, 2019a).
- 5 Pesquisadores como Jadir Pessoa, Sebastião Rios Corrêa, Carlos Brandão e Yara Moreira há anos realizam pesquisas sobre a sociologia da cultura, da religião e do patrimônio imaterial em Goiás, envolvendo a música a partir das Folias de Reis, Congadas e outras festas populares. No entanto, nenhum deles particularizou o aspecto da cultura religiosa, valendo-se da música de diferentes vertentes e em contraste, de modo que seus trabalhos contribuíram como ponto de partida, mas não excluem os esforços da pesquisa acima mencionada.
- 6 Aqui citamos, por exemplo, o esforço de nossa pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Goiás, de 2014 a 2016, que resultou no livro recentemente publicado (MARTINS FILHO, 2019b; ver também ECCO; MARTINS FILHO, 2018). Outros trabalhos foram publicados em Anais de Congressos Nacionais e Internacionais.
- 7 Ver este estudo com análises detalhadas do processo de construção identitária da romaria com o auxílio da música em Martins Filho (2018). Outra contribuição sobre o assunto ver Ecco; Martins Filho (2017). Ambos estes trabalhos se inserem no diálogo de nossa investigação com o fenômeno religioso manifesto na Romaria ao Pai Eterno de Trindade.
- 8 E sabemos como essas noções – povo, identidade brasileira, identidade nacional – foi e tem sido discutida pela sociologia e antropologia, especialmente por nomes como G. Freire, S. Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, R. Ortiz, P. Montero, R. Della Cava, Jessé de Souza, José I. Fiorin, M. Debrun.
- 9 Este é um tema sobre o qual recentemente pudemos nos concentrar (MARTINS FILHO, 2019c).
- 10 E a relevância desse tema é notada em trabalhos como os de Rodrigues (2012), Vieira (2015) e Camurça (2017).
- 11 Aqui nos referimos ao projeto coordenado pelo professor Clóvis Ecco, com o título *Culturas e ateísmos* contemporâneos, realizado junto aos estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com autorização do respectivo Comitê de Ética em Pesquisa, sob número CAAE: 48968115.4.0000.0037.
- 12 Valemo-nos da distinção já considerada clássica entre as expressões “geração x” e “geração y”. Por “geração x” consideramos os nascidos posteriormente aos impactos da Segunda Guerra Mundial, isto é, já na segunda metade do século XX. Já os pertencentes à “geração y” são os oriundos de um contexto posterior à disseminação da internet e das redes de comunicação, sobretudo nascidos após ao no 2000 – mas não somente.
- 13 Temos em conta a pesquisa coordenada pela professora Dra. Carolina Teles Lemos junto aos estudantes do primeiro período de todos os cursos de graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com o título *Juventude e religiosidade: o caso de jovens universitários*,

também devidamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob número CAAE 38480614.1.0000.0037. Os resultados foram publicados como livro pela editora Fonte Editorial em 2018.

- 14 Os dados do Censo e o trabalho conduzido pelo Prof. Clóvis Ecco.
- 15 Em 2017 tivemos a oportunidade de externar alguns questionamentos ao pensador catalão, os quais foram gentilmente respondidos por ele e publicados em Martins Filho; Ecco (2017). Pelo que pudemos entender naquele momento, o contexto brasileiro mostra-se como bastante distinto dos rumos tomados pelas religiosidades na Europa, com foco especial para a leitura do catolicismo.
- 16 Como é o caso, entre outros, dos trabalhos mencionados anteriormente em notas acima.
- 17 Quando da escrita desse ensaio, ainda não havia sido lançada a Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia*. Nesse intervalo, contudo, já tivemos a oportunidade de escrever dois outros trabalhos exclusivos sobre a questão do catolicismo brasileiro a partir do que se emanou do Sínodo. Ambos os textos encontram-se no prelo.
- 18 A segunda parte do *Instrumentum Laboris* apresenta uma série de temas sociais os quais deverão ser tratados pelo Sínodo. Entre esses se destacam: a questão da destruição operada pelo extrativismo, a ameaça aos povos indígenas locais, o problema das migrações, a nova conjuntura urbanizada na amazônica e a conservação da natureza, a corrupção e a precarização da saúde e da educação (cf. nn. 44-104).
- 19 Entre outros trabalhos, vale a pena destacar o caminho de pesquisa desenvolvido pela profa. Dra. Ivoni Richter Reimer, com ênfase para a questão ecológica de maneira precursora no Brasil. Entre outras obras, lembramos *Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus: contribuições para um mundo globalizado*(2010). Ver também Dossiê Temático da *Caminhos*, v. 17, n. 3, 2019, organizado pelas professoras Dras. Ivoni Richter Reimer e Carolina Teles Lemos, entre outros.
- 20 Como de costume, os documentos magisteriais serão referenciados a partir do número do parágrafo.
- 21 E é justamente essa articulação com o tema da ecologia a novidade imposta por nosso tempo. Como dissemos, embora já tenha aparecido na discussão teológica desde meados da década de 1990, um documento por parte da Igreja sobre o assunto somente veio a público no magistério de Francisco.
- 33 Os nn. 6 e 7 do *Instrumentum Laboris* tocam estes dois temas. A Igreja reconhece que “a evangelização na América Latina constitui um dom da Providência que chama todos à salvação em Cristo” (n. 6), apesar de também admitir que o anúncio evangélico na Amazônia “realizou-se frequentemente em convivência com os poderes que exploravam os recursos e oprimiam as populações” (n. 6). A atualidade impõe-se como forma de remissão, já que a Igreja tem “a oportunidade histórica de se diferenciar claramente das novas potências colonizadoras, ouvindo os povos amazônicos para poder exercer com transparência o seu papel profético” (n. 7). Esses pontos retornam nas sugestões dadas pelo *Instrumentum*.

Referências

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Os “Sem Religião” no Brasil: Juventude, Periferia, Indiferentismo Religioso e Trânsito entre Religiões Institucionalizadas. *Estudos de Religião*, v. 31, n. 3, p. 55-77, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n3p55-70>

- CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução de Gênese Andrade. 4.ed., 5.reimpr. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2011. (Ensaio Latino-americanos, 1)
- CORBÍ, Marià. *Hacia una espiritualidad laica: sin creencias, sin religiones, sin dioses*. Barcelona: Herder Editorial; Grammata.es, 2007.
- ECCO, C. MARTINS FILHO, J. R. F. Hybridisms and Dialogic in the Folia dos Santos Reis: an Introduction. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 27, p. 606-617, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/frag.v27i4.6051>
- ECCO, C.; MARTINS FILHO, J. R. F. Culturas e ateísmos contemporâneos. *Mosaico*, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 265-276, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/mos.v10i0.6106>
- ECCO, C. MARTINS FILHO, J. R. F. Música é identidade! Elementos de (re)construção na Romaria ao Divino Pai Eterno. *Paralellus*, v. 8, p. 459-476, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.25247/paralellus.2017.v8n19.p459-475>
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2015. (Coleção A voz do papa, 201).
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1.ed., 13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2008. (Antropologia Social)
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- GOVERNO FEDERAL. *Manual do Recenseador CD – 1.09. Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: 2010.
- LEMONS, C. T.; SOUSA, I. F.; MARTINS FILHO, J. R. F. (Orgs.). *Juventude e religiosidade: o caso de jovens universitários*. 1. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.
- MARTINS FILHO, J. R. F. A controvérsia dos “sem religião” no Brasil: pluralismo religioso ou multiculturalismo cristão? *REB. Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 79, n. 314, p. 663-681, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.29386/reb.v79i314.1908>
- MARTINS FILHO, J. R. F. *Música e identidade no catolicismo popular em Goiás: um estudo sobre a Folia de Reis e a Romaria ao Divino Pai Eterno*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2019a.
- MARTINS FILHO, J. R. F. *Cantadores do Reino, Foliões dos Santos Reis: um estudo sobre a inculcação da música litúrgica em Goiás*. 1.ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019b.
- MARTINS FILHO, J. R. F. Sobre o protagonismo laical do catolicismo popular: pistas para reflexão. *REB. Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 78, p. 679-694, 2019c. DOI: <http://dx.doi.org/10.29386/reb.v78i311.1401>
- MARTINS FILHO, J. R. F. Música e identidade na Romaria ao Divino Pai Eterno de Trindade, Goiás. *Música Hodie*, v. 18, p. 229-244, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5216/mh.v18i2.51137>
- MARTINS FILHO, J. R. F.; ECCO, C. Novos odres para o sagrado vinho: Marià Corbí e os sem religião. *Estudos da Religião*, v. 32, p. 29-50, 2018a. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v32n2p29-50>
- MARTINS FILHO, J. R. F.; ECCO, C. Toward a Deep Spirituality: an Interview with Marià

Corbí. *Caminhos*, Goiânia, v. 15, p. 149-161, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v15i1.5973>

RICHTER REIMER, Ivoni. *Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus: contribuições para um mundo globalizado*. São Leopoldo; Oikos; Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

RICHTER REIMER, Ivoni; LEMOS, Carolina Teles; Andrade, Clodomir Barros de; Caldeira, Rodrigo Coppe (orgs.). Religião e Transformações Socioambientais. *Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 05-103, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v17i3.7875>.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. *Horizonte*, v. 10, n. 28, out./dez., p. 1130-1155, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2012v10n28p1130-1153>

SANTA SÉ. Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos / Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. *Instrumentum Laboris* para a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019.

VIEIRA, José Álvaro Campos. Os “sem religião”: alguns dados para estimular a reflexão sobre o fenômeno. *Horizonte*, v. 13, n. 37, jan./mar., p. 605-612, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2015v13n37p605>

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução: Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.